

## BLOGS |

**Caju em cores, do grafite ao rosa**

Liana John - 23/10/2014 às 14:51



Os **cajueiros** – essas extraordinárias espécies do gênero *Anacardium*, nativas das regiões mais quentes do **Brasil** – já frequentaram o nosso **Biodiversa** mais vezes do qualquer outra planta. Mais até do que **acarnaúba** (**Copernicia prunifera**), chamada pelos nordestinos de “**árvore da providência**”. Já falamos do caju em **gel contra placa bacteriana**, como **corante alimentício amarelo**, como **embalagem comestível**, como **biomassa para a construção civil** e até como **agente redutor de nanossistemas**. Ainda assim encontramos outros usos, como o **dascascas de cajueiro** para **tingimento** de fios de lã e algodão ou peças já prontas **detecidos naturais**. E não é para produzir uma cor só, não: é para obter desde um rosa envelhecido até tons de grafite beirando o preto!

O cajueiro comum (*Anacardium occidentale*) hoje tem sua área de distribuição original confundida com a área de cultivo, conforme observa a analista ambiental **Vanja Maria Xaud Lucena**. Ela fez a caracterização genética dos cajueiros de **Roraima** em seu mestrado em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Roraima (**UFRR**). Os cajueiros nativos, segundo sua tese, têm como centro primário de diversidade genética os cerrados, as matas de galeria e as florestas úmidas da **Amazônia**, enquanto o centro secundário está nos cerrados de **Mato Grosso, Goiás** e no **Nordeste**. Ela menciona, inclusive, uma das três hipóteses etimológicas da palavra indígena Roraima, que deu nome ao estado: a contração do termo *roro* = caju e *imã* = monte ou serra. Ou seja, Roraima em bom português seria a **Serra do Caju**.

Após o Descobrimento, navegadores portugueses e espanhóis foram responsáveis pela disseminação dos cajueiros pelo mundo. E atualmente 26 países se dedicam à produção comercial da castanha, com destaque para Índia, Vietnã, Tanzânia, Indonésia, Moçambique e Guiné-Bissau, além do Brasil. O cultivo é fácil, desde que feito na **zona tropical**, pois o cajueiro não tolera nadinha de frio. As árvores chegam a 12 metros de altura e sustentam copas de grandes dimensões, oferecendo **sombra** farta debaixo de suas folhas largas. A copa do maior cajueiro do mundo, famoso como o “**Cajueiro de Pirangi**” (RN), tem cerca de 8.500 metros quadrados! É copa suficiente para sombrear, sozinha, até um estacionamento de *shopping*!!

Essa facilidade de crescimento é uma vantagem para **confecções** e **tecelões** interessados no tingimento de fios ou tecidos de lã e algodão. As lascas de cascas utilizadas como corantes podem ser retiradas dos galhos maiores, sem matar a árvore, conferindo mais **sustentabilidade** a essa prática.

**Rodrigo Monteiro**, de **Penedo** (RJ) é tecelão por *hobby* desde 1984 e de profissão desde 1992. Usa todo tipo de **fibra natural** em suas peças: **algodão, lã, seda, juta, sisal, rami, buriti, taboa, palhas, cipós, gravetos**. Mas só faz o tingimento pessoalmente em sisal para a confecção de **painéis decorativos**. Com base em suas observações de todos esses anos de tecelagem, reconhece que “a durabilidade do tingimento natural é bem menor que a do químico. Não somente por se tratar de material orgânico e naturalmente perecível, mas também por influência dos diferentes fixadores (ou mordentes) usados nas diferentes técnicas”. Ele já viu tingimentos naturais que desbotaram em questão de meses, no entanto também viu outros que duraram alguns anos, mesmo expostos à luz.

Seja qual for a durabilidade, a vantagem é que “as peças e os fios tingidos naturalmente não despejam, na natureza, **componentes tóxicos** ou nocivos, no processo de enxague ou nas lavagens”, diz. Mas é preciso ter cuidado com a preservação das **plantas tintórias**, por meio do “**replântio** das espécies cultiváveis e do **extrativismo consciente** das espécies espontâneas ou nativas”. Ou seja: deve-se colher apenas a quantidade necessária das plantas ou partes delas, deixando matrizes suficientes para sua **regeneração e proliferação**.

O tingimento com caju é usado tanto no **artesanato regional** – de redes, tapetes e toalhas de mesa – como em peças de roupas para **exportação**, feitas com **algodão orgânico**. As tonalidades variadas de grafite, ferrugem, vermelho ou rosa são obtidas com diferentes concentrações da casca na água, combinadas ao tempo de fervura e à forma de utilizar o **mordedor da tintura** – que vem a ser a substância **fixadora da cor**. O mordedor mais utilizado é o limão.

Quem quiser saber detalhes sobre todo o processo ou procurar dicas de outras cores obtidas com **corantes da natureza brasileira** pode fazer uma visita ao site mantido pelo **Rodrigo, O Tecelão**, como é mais conhecido. Ali estão reproduzidas algumas páginas do livro *A Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro*, com os passos do **tingimento natural**, e uma relação de plantas nativas e cultivadas, usadas para produzir as diferentes cores. Caju inclusive.

De acordo com as instruções publicadas, o preparo para tingimento começa com a lavagem e a organização das **meadas**. Para uma tintura homogênea, os fios devem estar desembaraçados e livres de amarras; limpos de gorduras e poeira e homogeneamente úmidos. As peças de roupas já confeccionadas, em especial, precisam ser movimentadas constantemente para dar uniformidade no tingimento, evitando manchas mais escuras ou mais claras. Como diz **Francisca Vieira**, da **Natural Cotton Color**, de João Pessoa (PB): “É só ter cozimento, paciência e quantidade de casca”!

**Foto: Liana John** (Fios de algodão tingido e cascas de caju usadas no tingimento)

[ver este post](#)

[comente](#)

## Comentários

Não há nenhum comentário. Seja o primeiro!

### Deixe aqui seu comentário:

Preencha os campos abaixo para comentar, solicitar ou acrescentar informações. Participe!

Seu nome:

Seu e-mail:

[Enviar](#)

## Biodiversa



### LIANA JOHN

é jornalista ambiental. Escreve sobre conservação, mudanças climáticas, ciência e uso racional de recursos naturais há quase 30 anos, nas principais revistas e jornais do país. Ao somar entrevistas e observações, constatou o quanto somos todos dependentes da biodiversidade. Mesmo o mais urbano dos habitantes das grandes metrópoles tem alguma espécie nativa em sua rotina diária, seja como fonte de alimento ou bem-estar, seja como inspiração ou base para novas tecnologias. É disso que trata esse blog: de como a biodiversidade entra na sua vida. E como suas opções, eventualmente, protegem a biodiversidade.

## Arquivos de posts

---

2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | **2015**

MAY 2015 - (3)

APRIL 2015 - (2)

MARCH 2015 - (3)

FEBRUARY 2015 - (4)

JANUARY 2015 - (4)

## Nuvem de tags

---

**Amazônia** anti-inflamatório antioxidante araras açaí bactérias biodegradável biodiesel biodiversidade biodiversidade brasileira biologia biomimética Caatinga cana-de-açúcar Cerrado clima cochonilha controle biológico COP19 corais cosméticos **Embrapa** emissões emissões de carbono espinhas do rosto Fapesp fungos inhabitat insetos Instituto Arara Azul joaninha lixo mandacaru mandioca mel microalgas mudanças climáticas parasitas praga preguiça Protocolo de Kyoto queijo mineiro reciclagem semiárido Serra da Canastra sertão nordestino Terroir tratamento de água vinhaça água

## Outros Blogs

---

 [A HUMANIDADE CONTRA AS CORDAS](#)

 [BLOG DO CLIMA](#)

 [MUITO ALÉM DA ECONOMIA VERDE](#)

 [PARCEIROS DO PLANETA](#)

 [PLANETA ÁGUA](#)

 [SEMANA ABRIL DE JORNALISMO AMBIENTAL](#)

 [AGRISUSTENTA](#)

 [BIOGÁS: A ENERGIA INVISÍVEL](#)

 [CORPORAÇÃO 2020](#)

 [NA GARUPA](#)

 [PLANETA URGENTE](#)

 [PROSPERIDADE SEM CRESCIMENTO](#)

 [SUSTENTÁVEL NA PRÁTICA](#)

 [BICHOS DO PANTANAL](#)

 [BLOG DA REDAÇÃO](#)

 [GAIATOS E GAIANOS](#)

 [O DIVERGENTE POSITIVO](#)

 [PLANETA EM AÇÃO](#)

 [QUANDO NEGÓCIOS NÃO SÃO APENAS NEGÓCIOS](#)

 [URBANIDADES](#)

---

Patroínio

Siga o Planeta

